



ARTIGOS PRINCIPAIS

Legado teológico-litúrgico do Papa Francisco: liturgia da casa comum – a *Missa pro custodia creationis* como expressão da ecologia integral

The Theological-Liturgical Legacy of Pope Francis: Liturgy of the Common Home – the Missa Pro Custodia Creationis as an Expression of Integral Ecology

Washington da Silva Paranhos *

RESUMO: O artigo analisa a *Missa pro custodia creationis* à luz da teologia litúrgica contemporânea, investigando em que medida ela expressa a relação entre Eucaristia e criação no contexto da recepção da encíclica *Laudato Si'*. A partir de uma abordagem integrada entre *lex orandi* e *lex proclamandi*, examinam-se os textos eucológicos e as leituras bíblicas propostas, evidenciando que a temática ecológica, embora teologicamente consistente, permanece predominantemente no nível da tematização. A ausência de prefácio próprio e de oração eucarística específica limita sua integração no nível anafórico, considerado central segundo a reflexão de Cesare Giraudo. Em diálogo com o Rito Zaireense e com o horizonte do Rito Amazônico, sustenta-se que o desafio atual consiste em passar da tematização à configuração eucarística da ecologia integral.

PALAVRAS-CHAVE: Eucaristia. Ecologia integral. Inculturação litúrgica. *Lex orandi*. Criação.

ABSTRACT: This article analyzes the *Missa pro custodia creationis* in light of contemporary liturgical theology, examining to what extent it expresses the relationship between Eucharist and creation within the reception of *Laudato Si'*. Adopting an integrated approach between *lex orandi* and *lex proclamandi*, it studies both the euchological texts and the proposed biblical readings, showing that

* Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

the ecological theme, although theologically consistent, remains predominantly at the level of thematic expression. The absence of a proper preface and a specific Eucharistic Prayer limits its integration at the anaphoric level, considered central according to the reflection of Cesare Giraudo. In dialogue with the Zairean Rite and the emerging horizon of the Amazonian Rite, the study argues that the current challenge lies in moving from thematic inclusion to a fully Eucharistic configuration of integral ecology.

KEYWORDS: Eucharist. Integral ecology. Liturgical inculturation. *Lex orandi*. Creation.

Introdução

A crescente centralidade da questão ecológica no magistério recente da Igreja, particularmente a partir da encíclica *Laudato Si'*, tem incidido de modo crescente sobre a teologia litúrgica, suscitando novas abordagens na compreensão da relação entre fé e criação. A relação entre fé e criação, tradicionalmente presente na estrutura da celebração cristã, passa a ser tematizada de modo mais explícito, o que conduz a uma reconsideração das formas pelas quais a liturgia exprime e celebra o cuidado da “casa comum”.

Nesse contexto, a introdução da *Missa pro custodia creationis* pelo Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos¹ pode ser compreendida como um desenvolvimento da *lex orandi*, ao oferecer um formulário específico que insere explicitamente a temática ecológica na oração oficial da Igreja. No entanto, sua recepção teológica requer uma análise que ultrapasse o nível descritivo e considere a celebração em sua unidade estrutural.

Com efeito, a inteligibilidade teológica da celebração não se constrói apenas a partir dos textos eucológicos, mas também mediante a proclamação da Palavra de Deus. Por isso, o presente estudo propõe uma

¹ O formulário *Missa pro custodia creationis* foi introduzido no conjunto das *Missae pro variis necessitatibus vel ad diversa* do *Missale Romanum*, sendo inserido na seção II – *Pro circumstantiis publicis*. Essas celebrações destinam-se a circunstâncias particulares da vida da Igreja e da sociedade e podem ser utilizadas segundo os critérios estabelecidos pela Instrução Geral do Missal Romano, especialmente no capítulo VII, que trata da escolha da Missa e de suas partes (cf. IGMR, n. 352-385). O novo formulário foi aprovado pelo Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, em diálogo com o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, e apresentado oficialmente na Sala de Imprensa da Santa Sé em julho de 2025 pelo Cardeal Michael Czerny, S.J., Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, e por S. Ex.^a Rev.ma Mons. Vittorio Francesco Viola, O.F.M., Secretário do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos (Dicastério para o culto divino e a disciplina dos sacramentos, 2002; IGMR, 2002).

abordagem integrada, que considera tanto a análise das orações próprias da missa (Coleta, Oração sobre as Oferendas e Pós-Comunhão), quanto o exame das leituras bíblicas propostas no Lecionário. Tal articulação entre *lex orandi* e *lex proclamandi* permite analisar de modo mais preciso a configuração teológica da celebração e sua capacidade de expressar a relação entre criação, redenção e consumação.

O presente artigo parte da hipótese de que a presença da temática ecológica na liturgia romana, embora efetiva e teologicamente fundamentada, se configura predominantemente no plano da tematização. Nesse sentido, supõe-se que sua incorporação na própria configuração eucarística do mistério não se verifica de modo explícito ou estrutural.

Essa hipótese apoia-se, de modo particular, na ausência, no formulário analisado, de um prefácio próprio e de uma oração eucarística específica, elementos que, na tradição litúrgica e na reflexão de Cesare Giraudon, são compreendidos como centrais para a estrutura da celebração.

A partir dessa constatação, o problema de pesquisa pode ser formulado nos seguintes termos: em que medida a *Missa pro custodia creationis* consegue expressar, no nível da *lex orandi* e da *lex proclamandi*, a dimensão cósmica da Eucaristia tal como desenvolvida pelo magistério recente, e quais são os limites e as possibilidades de seu aprofundamento no interior da tradição litúrgica romana?

Metodologicamente, o estudo articula três níveis de análise. Em primeiro lugar, realiza-se uma leitura teológico-litúrgica dos textos ecológicos e das leituras bíblicas propostas, considerando sua estrutura, linguagem e inter-relação. Em segundo lugar, procede-se a uma reflexão sistemática à luz do magistério contemporâneo, especialmente da *Laudato Si'*, destacando a noção de Eucaristia como ato de amor cósmico. Por fim, o artigo insere essa análise em uma perspectiva comparativa, tomando como referência tanto uma experiência consolidada de inculturação – o Rito Zaireense – quanto um horizonte ainda em construção – o Rito Amazônico.

A tese que orienta o desenvolvimento do trabalho sustenta que a plena integração da ecologia na liturgia não se realiza apenas pela introdução temática nos formulários, mas exige uma incorporação no próprio coração da oração eucarística, onde a criação é assumida, transfigurada e oferecida ao Pai no movimento de ação de graças do Cristo total.

Dessa forma, o artigo pretende contribuir para o avanço da teologia litúrgica contemporânea ao evidenciar que o verdadeiro desafio não consiste apenas em “celebrar pela criação”, mas em celebrar com a criação e a partir dela, reconhecendo na Eucaristia o lugar originário de uma ecologia integral verdadeiramente celebrada.

1 Contexto e gênese da Missa pro custodia creationis

A crescente consciência da crise ecológica global suscitou, nas últimas décadas, um renovado aprofundamento da doutrina cristã da criação e de suas implicações éticas, espirituais e pastorais. No interior desse processo, a Igreja tem buscado articular de modo mais explícito a relação entre fé cristã, responsabilidade humana e cuidado do mundo criado, reconhecendo que a crise ambiental contemporânea possui não apenas dimensões técnicas ou políticas, mas também profundas implicações antropológicas e espirituais.

Nesse horizonte, a liturgia adquire um significado particular. Enquanto expressão da fé da Igreja e lugar privilegiado de formação espiritual dos fiéis, a celebração litúrgica constitui também um espaço no qual a relação do ser humano com a criação pode ser iluminada e transformada à luz do mistério pascal de Cristo. A introdução do formulário da *Missa pro custodia creationis* no Missal Romano deve ser compreendida precisamente nesse contexto: como expressão litúrgica de um desenvolvimento teológico e pastoral que procura integrar o cuidado da criação no coração da oração e da espiritualidade cristãs.

1.1 A criação na tradição litúrgica e teológica da Igreja

A tradição cristã sempre reconheceu a criação como obra de Deus e como realidade intrinsecamente orientada para a plenitude do desígnio salvífico. Desde os primeiros séculos, a oração litúrgica da Igreja manifesta essa consciência ao integrar o louvor pela criação na grande ação de graças dirigida ao Pai. Nas anáforas eucarísticas antigas, a memória da criação aparece frequentemente associada à memória da redenção, revelando a unidade do plano divino que conduz todas as coisas à sua consumação em Cristo.

Essa perspectiva corresponde a uma intuição fundamental da teologia cristã: a criação não constitui apenas o início da história da salvação, mas permanece permanentemente inserida no dinamismo do agir salvífico de Deus. Como observa Romano Guardini (2018), a liturgia não se limita a expressar a interioridade religiosa do indivíduo, mas envolve a totalidade da realidade criada, introduzindo-a no louvor dirigido ao Criador.

Nesse sentido, a Eucaristia manifesta de modo particularmente eloquente a dimensão cósmica da fé cristã. Os dons do pão e do vinho – frutos da terra e do trabalho humano – são assumidos na oração da Igreja e transformados sacramentalmente no Corpo e no Sangue de Cristo. Assim, elementos provenientes da criação são integrados no mistério da redenção e tornam-se sinais sacramentais da recapitulação de todas as coisas em Cristo.

A reflexão litúrgica contemporânea sublinhou amplamente essa dimensão cósmica da celebração eucarística. Alexander Schmemmann (1988) observa que, na Eucaristia, a Igreja assume o mundo criado e o oferece a Deus em ação de graças, revelando que a verdadeira vocação da criação consiste em tornar-se comunhão com o próprio Deus.

De modo semelhante, Joseph Ratzinger recorda que a liturgia cristã não pode ser compreendida apenas em termos antropológicos ou comunitários, pois ela envolve a totalidade da criação e participa do movimento de glorificação cósmica que culmina na Páscoa de Cristo (Ratzinger, 2013, p. 26-28). A celebração eucarística manifesta, portanto, a dimensão universal da redenção e antecipa sacramentalmente a renovação escatológica do universo.

1.2 A emergência da consciência ecológica no magistério contemporâneo

Embora a tradição cristã sempre tenha reconhecido o valor da criação, a explicitação da responsabilidade humana pelo cuidado do mundo criado adquiriu particular destaque nas últimas décadas, sobretudo diante da crescente consciência da crise ambiental global.

O Concílio Vaticano II já havia lançado bases importantes para essa reflexão ao afirmar a dignidade do mundo criado e a responsabilidade humana em relação à ordem da criação. A constituição pastoral *Gaudium et Spes* recorda que os bens da terra foram destinados por Deus a todos os seres humanos e devem ser utilizados de maneira conforme ao desígnio do Criador (GS, n. 69).

Nas décadas seguintes, o magistério pontifício aprofundou progressivamente essa perspectiva. Um marco significativo foi a mensagem de São João Paulo II para o Dia Mundial da Paz de 1990, na qual o Papa afirmou que a crise ecológica constitui também uma questão moral e espiritual e que a humanidade deve buscar uma nova relação com a criação, marcada pela responsabilidade e pelo respeito.

Essa reflexão alcançou uma nova amplitude no pontificado do Papa Francisco. A encíclica *Laudato Si'* propõe uma leitura abrangente da crise ecológica ao introduzir o conceito de ecologia integral, no qual as dimensões ambiental, social, econômica e cultural da existência humana aparecem profundamente interligadas. Como afirma o Papa Francisco: “Tudo está intimamente interligado e os problemas atuais exigem uma visão capaz de levar em conta todos os aspectos da crise global” (LS, n. 137).

Nesse horizonte, a criação é apresentada como dom de Deus confiado à responsabilidade humana e chamada a participar do dinamismo da história da salvação. Por essa razão, o Papa insiste na necessidade de uma

verdadeira conversão ecológica, entendida como transformação espiritual capaz de renovar a relação do ser humano com Deus, com os outros e com o mundo criado (LS, n. 217).

A liturgia desempenha um papel decisivo nesse processo de conscientização ecológica e espiritual. Nela, a Igreja exercita o reconhecimento do mundo criado como um dom gratuito recebido do Criador. Esse movimento de “receber” e “devolver” em ação de graças (Eucaristia) encontra eco fundamental na obra de Louis-Marie Chauvet (2023). Para o autor, a liturgia ultrapassa a mera expressão doutrinal; ela é uma prática que institui o sujeito, moldando uma relação simbólica onde o ser humano não se vê como dono da criação, mas como parte de uma rede de alteridade que envolve Deus, os outros e o cosmos.

1.3 A recepção litúrgica: a instituição da *Missa pro custodia creationis*

É nesse contexto teológico e pastoral que se insere a introdução do formulário da *Missa pro custodia creationis* no Missal Romano. A nova celebração foi aprovada pelo Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, em diálogo com o Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, e incorporada ao conjunto das *Missae pro variis necessitatibus vel ad diversa* do Missal Romano, especificamente na seção II – *Pro circumstantiis publicis* (Missal Romano, 2023, p. 1095-1128).

Segundo a estrutura do próprio Missal, essa seção reúne celebrações destinadas a circunstâncias particulares que dizem respeito à vida da Igreja e da sociedade, permitindo que a liturgia responda pastoralmente a determinadas necessidades históricas. O uso desses formulários é regulado pelas normas da Instrução Geral do Missal Romano, especialmente no capítulo VII, que trata da escolha da Missa e de suas partes (IGMR, n. 352-385). Esse enquadramento normativo evidencia que a inclusão da *Missa pro custodia creationis* não constitui um elemento marginal, mas integra o conjunto das celebrações que permitem à Igreja elevar a Deus sua oração diante das situações concretas da história.

A apresentação oficial do novo formulário foi realizada na Sala de Imprensa da Santa Sé em julho de 2025, com intervenções do Cardeal Michael Czerny, Prefeito do Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral, e de Dom Vittorio Francesco Viola, Secretário do Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos. Na ocasião, ambos destacaram que a nova celebração deve ser compreendida como expressão litúrgica da crescente consciência eclesial acerca da responsabilidade cristã diante da criação.

Segundo o Cardeal Czerny, a introdução dessa missa constitui uma forma concreta de integrar na oração da Igreja o chamado à conversão eco-

lógica presente no magistério recente, particularmente na encíclica *Laudato Si'*. Ao mesmo tempo, ressaltou-se que a nova celebração não representa a introdução de um tema externo à liturgia, mas a explicitação de uma dimensão já presente na própria teologia eucarística. Nesse sentido, a Eucaristia manifesta sempre uma dimensão universal e cósmica, na qual toda a criação é assumida na ação de graças da Igreja.

Dom Vittorio Francesco Viola destacou, por sua vez, que a liturgia possui uma força pedagógica própria, capaz de formar progressivamente os fiéis em uma relação renovada com a criação. Ao inserir o cuidado da casa comum na oração litúrgica da Igreja, o novo formulário oferece às comunidades cristãs um caminho espiritual que integra a consciência ecológica no dinamismo da vida sacramental.

Particularmente significativa é a recomendação de celebrar esse formulário no dia 1º de setembro, quando a Igreja celebra o Dia Mundial de Oração pelo Cuidado da Criação, instituído pelo Papa Francisco em 2015. Essa data marca o início do chamado “Tempo da Criação”, período ecumênico dedicado à oração e à reflexão sobre o cuidado da casa comum, reforçando o vínculo entre liturgia, espiritualidade ecológica e compromisso pastoral da Igreja diante da crise ambiental contemporânea.

Assim compreendida, a introdução da *Missa pro custodia creationis* no Missal Romano representa um desenvolvimento significativo na recepção litúrgica da teologia da criação e da reflexão eclesial sobre a ecologia integral. Ao integrar o cuidado da criação no coração da oração eucarística, a Igreja reconhece que a relação do ser humano com o mundo criado pertence também ao âmbito da fé, da espiritualidade e da vida sacramental.

Se a primeira parte deste estudo permitiu situar historicamente e teologicamente a introdução desse formulário litúrgico, torna-se agora necessário examinar mais atentamente sua estrutura eucológica. É precisamente nas orações da celebração – coleta, oração sobre as oferendas e oração depois da comunhão – que a teologia da criação, da redenção e da responsabilidade humana encontra sua expressão mais densa e propriamente litúrgica.

2 Estrutura e teologia da eucologia da *Missa pro custodia creationis*

Na tradição da teologia litúrgica, os textos eucológicos constituem um dos lugares privilegiados de expressão da fé da Igreja. A conhecida máxima *lex orandi, lex credendi* indica que a oração litúrgica não apenas acompanha a fé da comunidade, mas também a formula e a transmite. Por essa razão, a análise da eucologia de um formulário litúrgico permite

identificar os elementos teológicos que estruturam a compreensão eclesial do mistério celebrado.

A *Missa pro custodia creationis* apresenta um conjunto coerente de textos litúrgicos – antífonas, orações presidenciais e referências bíblicas – que articulam o tema do cuidado da criação com a teologia da redenção em Cristo. Esses textos seguem a estrutura clássica da eucologia romana, composta fundamentalmente pela coleta, pela oração sobre as oferendas e pela oração após a comunhão. Considerados em conjunto, revelam uma teologia da criação que se insere na tradição bíblica e patrística, ao mesmo tempo em que dialoga com a reflexão contemporânea sobre a responsabilidade humana diante do mundo criado.

Antes mesmo das orações presidenciais, as antífonas do formulário introduzem o horizonte bíblico e teológico da celebração, orientando a assembleia para a contemplação da criação como manifestação da glória de Deus e como realidade chamada à plenitude da salvação.

2.1 Antífona de entrada e horizonte bíblico da criação

Ant. ad introitum – Sl 18 (19),2

*Cæli enarrant glóriam Dei,
et ópera mánuum eius annúntiat firmaméntum².*

Tradução

OS CÉUS PROCLAMAM A GLÓRIA DE DEUS
E O FIRMAMENTO ANUNCIA A OBRA DAS SUAS MÃOS.

A antífona de entrada estabelece desde o início da celebração o horizonte teológico da *Missa pro custodia creationis*. O versículo do Salmo 18 (19) apresenta a criação como testemunha da glória divina, retomando uma tradição bíblica segundo a qual o cosmos inteiro manifesta a ação criadora de Deus.

Na perspectiva bíblica, a criação não é simplesmente um cenário neutro da história da salvação, mas participa ativamente da revelação divina. O salmo afirma que os céus “proclamam” (*enarrant*) a glória de Deus, sugerindo uma dimensão quase litúrgica da própria criação. Assim, o cosmos aparece como espaço de louvor e manifestação da presença divina.

A escolha dessa antífona para o início da celebração possui forte significado teológico. Antes mesmo da formulação explícita das orações da missa, a assembleia é convidada a contemplar a criação como obra de Deus

² Para as antífonas e orações citadas, *conferir*: DICASTÉRIO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Novo formulário da Missa “*pro custodia creationis*”. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/dam/romancuria/culto-divino/Missa%20pro%20custodia%20creationis%20-%20Exemplar%20originale.pdf>.

e como realidade que participa do louvor ao Criador. A celebração eucarística insere-se, portanto, nesse movimento cósmico de glorificação divina.

2.2 A oração da coleta

A oração da coleta ocupa posição central na estrutura da missa, pois sintetiza a intenção da celebração e orienta teologicamente o desenvolvimento do rito. No caso da *Missa pro custodia creationis*, a coleta apresenta uma clara perspectiva cristológica e cósmica da criação.

O texto latino da coleta afirma:

Collecta

Pater,

qui in Christo, primogénito omnis creatúræ, (cf. Cl 1,15-16)

univérſa ad exsisténtiam vocásti, (cf. Dominum et vivificantem, 34)

præſta, quæsumus, ut, dóciles Spíritus tui spiráculo vitæ, (cf. Gn 2,7)

ópera mánuum tuárum in caritáte custodiámus (cf. Gn 2,15; Sl 8,7).

Per Dóminum.

Tradução

PAI SANTO,

QUE EM CRISTO, PRIMOGÊNITO DE TODA A CRIATURA;

TUDO CHAMASTES À EXISTÊNCIA,

FAZEI QUE, DÓCEIS AO SOPRO VITAL DO VOSSO ESPÍRITO,

CUIDEMOS COM AMOR A OBRA DAS VOSSAS MÃOS.

POR NOSSO SENHOR JESUS CRISTO, VOSSO FILHO, QUE É DEUS
E CONVOSCO VIVE E REINA, NA UNIDADE DO ESPÍRITO SANTO,
POR TODOS OS SÉCULOS DOS SÉCULOS.

A estrutura da oração segue o esquema clássico das coletas romanas:

1. invocação a Deus Pai
2. memória da ação divina na criação
3. petição pela responsabilidade humana diante da criação

A primeira parte da oração dirige-se a Deus como Pai criador e recorda que toda a criação foi realizada “em Cristo, primogênito de toda a criação”. Essa expressão remete diretamente à cristologia cósmica do hino cristológico da Carta aos Colossenses (1,15-20), no qual Cristo é apresentado como mediador da criação e princípio da reconciliação universal. Ao situar a criação em relação a Cristo, a oração afirma que o mundo criado não possui apenas uma origem divina, mas encontra no próprio Cristo seu fundamento e sua finalidade.

Essa referência cristológica possui grande importância teológica, pois evita uma compreensão meramente naturalista da criação. O texto litúrgico

sugere que o cuidado da criação não se reduz a uma preocupação ética ou ambiental, mas se insere no horizonte mais amplo do desígnio salvífico de Deus. A criação aparece, assim, orientada para a recapitulação em Cristo, perspectiva amplamente presente na tradição bíblica e patrística.

A segunda parte da oração introduz a petição central: que os fiéis, dóceis ao sopro vital do Espírito, saibam “custodiar” as obras de Deus. A expressão *spiraculum vitae* evoca diretamente o relato da criação em Gênesis 2,7, onde Deus comunica vida ao ser humano mediante o sopro divino. Ao relacionar esse sopro com a ação do Espírito Santo, a oração estabelece uma ligação entre criação e pneumatologia, sugerindo que o mesmo Espírito que dá origem à vida continua a agir na história conduzindo a humanidade à responsabilidade pelo mundo criado.

Nesse contexto, o verbo *custodire* assume particular densidade bíblica. Ele remete à missão confiada ao ser humano no jardim do Éden, descrita em Gênesis 2,15, onde o homem é chamado a “cultivar e guardar” a criação. Ao retomar essa linguagem, a oração interpreta a responsabilidade ecológica como dimensão da vocação humana recebida desde o início da história da salvação.

Por fim, a coleta orienta essa responsabilidade para uma finalidade mais ampla: que toda a criação possa florescer em justiça e paz e que o louvor a Deus se manifeste em toda a realidade criada. Essa dimensão final retoma a visão bíblica segundo a qual o cosmos inteiro participa da glorificação do Criador, como sugerem diversos textos sapienciais e salmódicos.

Dessa forma, a coleta da *Missa pro custodia creationis* articula três dimensões fundamentais da teologia da criação: sua origem em Deus, sua mediação cristológica e sua orientação escatológica. Ao mesmo tempo, a oração introduz explicitamente a responsabilidade humana pela preservação da criação, integrando essa dimensão ética no próprio dinamismo da oração litúrgica da Igreja.

A coleta, portanto, não apresenta a criação apenas como realidade natural, mas como realidade cristológica, pneumatológica e escatológica, inserindo o cuidado da criação no horizonte da economia da salvação.

2.3 A oração sobre as oferendas

Super oblata

*Súscipe, Pater,
hos fructus terræ nostrarúmque mánuum:
pérfice in eis opus creatiónis tuæ
ut, a Spíritu Sancto transformáti,
cibus et potus vitæ æternæ pro nobis fiant (cf. Jo 6,54-55).
Per Chirstum.*

Tradução

RECEBEI, PAI SANTO,
ESTES FRUTOS DA TERRA E DO NOSSO TRABALHO:
APERFEIÇOAI NELES A OBRA DA VOSSA CRIAÇÃO,
PARA QUE, TRANSFORMADOS PELO ESPÍRITO SANTO,
SE TORNEM PARA NÓS ALIMENTO DE VIDA ETERNA.
POR CRISTO NOSSO SENHOR.

A oração sobre as oferendas retoma e aprofunda a perspectiva teológica apresentada na coleta. Nesse momento do rito, os dons do pão e do vinho – explicitamente apresentados como “frutos da terra e do trabalho humano” – são oferecidos a Deus como expressão da ação de graças da Igreja e como sinal da participação da criação na liturgia eucarística.

No contexto da *Missa pro custodia creationis*, essa oração assume particular significado, pois evidencia a relação entre criação, trabalho humano e ação litúrgica. A matéria do sacramento eucarístico provém da própria criação e manifesta a colaboração entre o dom de Deus e a atividade humana. Assim, os dons apresentados no altar tornam-se expressão simbólica da criação inteira que é oferecida ao Criador na ação de graças da Igreja.

A oração pede que Deus “aperfeiçoe” nesses dons a obra da sua criação (*pérfice in eis opus creatiónis tuæ*). Essa expressão sugere que a criação não é uma realidade estática ou concluída, mas encontra na economia da salvação um processo de plenificação. Na celebração eucarística, os elementos da criação são assumidos no dinamismo da redenção e transformados pela ação do Espírito Santo, tornando-se “alimento e bebida de vida eterna”. Dessa forma, a liturgia manifesta que a criação está orientada para uma transformação mais profunda, que culmina na comunhão definitiva com Deus.

Nesse sentido, a oração sobre as oferendas evidencia a dimensão cósmica da Eucaristia. Os frutos da terra tornam-se sinais sacramentais da presença de Cristo e antecipação da renovação escatológica da criação. A transformação sacramental do pão e do vinho indica, de maneira simbólica e sacramental, o destino último do mundo criado: participar da plenitude da vida divina.

Essa perspectiva encontra amplo eco na tradição patrística e na teologia litúrgica contemporânea, que frequentemente sublinham o caráter cósmico da celebração eucarística. Na liturgia, não apenas a assembleia reunida, mas simbolicamente toda a criação é apresentada ao Criador na ação de graças da Igreja. A Eucaristia torna-se, assim, o lugar no qual o mundo criado é assumido na dinâmica da redenção e orientado para sua plenitude escatológica.

2.4 Antífona de comunhão e horizonte escatológico

Ant. ad communionem Ps 97 (98),3

*Viderunt omnes termini terræ
salutäre Dei nostri.*

Tradução

TODOS OS CONFINS DA TERRA VIRAM
A SALVAÇÃO DO NOSSO DEUS.

A antífona de comunhão introduz uma dimensão escatológica à celebração. O salmo anuncia que a salvação de Deus se torna visível a todos os confins da terra, indicando o caráter universal da redenção.

Nesse contexto, a comunhão eucarística aparece como antecipação sacramental dessa salvação universal. A criação inteira é chamada a participar da plenitude da redenção manifestada em Cristo.

2.5 A oração após a comunhão

Post communionem

*Sacraméntum unitátis quod accépinus, Pater, (cf. Agostinho, Com. Evan. João 26,13)
communióinem tecum áugeat fratribúsque
ut, novos cælos et terram novam exspectántes, (cf. 2Pd 3,13)
conveniénter una cum ómnibus creatúris vívere discámus. (cf. Laudato Sì, 66)
Per Christum.*

Tradução

O SACRAMENTO DE UNIDADE QUE RECEBEMOS, PAI SANTO,
AUMENTE EM NÓS A COMUNHÃO CONVOSCO E COM OS IRMÃOS,
PARA QUE, ESPERANDO OS NOVOS CÉUS E DA NOVA TERRA,
APRENDAMOS A VIVER EM HARMONIA COM TODAS AS CRIATURAS.

A oração após a comunhão conclui o desenvolvimento eucológico do formulário, explicitando os frutos espirituais da participação no sacramento. No contexto da *Missa pro custodia creationis*, essa oração retoma e aprofunda a relação entre comunhão e responsabilidade pela criação, mostrando que o cuidado do mundo criado nasce da própria experiência sacramental da Igreja.

A comunhão eucarística é apresentada como fonte de renovação espiritual que capacita os fiéis a viver de maneira mais plena a vocação recebida de Deus de custodiar a criação. Ao participar do mistério pascal de Cristo, os fiéis são configurados ao próprio Cristo e inseridos mais profundamente na comunhão com Deus e com toda a realidade criada.

A Eucaristia aparece, assim, como princípio de transformação da relação do ser humano com o mundo, orientando-a para a justiça, a fraternidade e o cuidado responsável.

Essa perspectiva encontra fundamento na compreensão clássica da Eucaristia como *sacramentum unitatis*. Ao participar do único pão e do único cálice, a comunidade cristã experimenta a unidade que brota do Corpo de Cristo e aprende a reconhecer a interdependência que liga todos os seres na criação. A comunhão sacramental, portanto, não apenas fortalece a unidade da Igreja, mas também educa os fiéis para uma relação reconciliada com o mundo criado.

Ao mesmo tempo, a oração aponta para o horizonte escatológico da criação. A comunhão no Corpo e Sangue de Cristo antecipa sacramentalmente a plenitude da comunhão final, quando toda a criação será renovada em Deus. Dessa forma, a participação eucarística torna-se sinal e antecipação da nova criação prometida nas Escrituras, na qual a harmonia entre Deus, a humanidade e o cosmos será plenamente restaurada.

Assim, a oração pós-comunhão indica que o cuidado da criação não se limita a um imperativo ético externo à vida cristã, mas brota da própria dinâmica sacramental da Igreja. Alimentados pelo pão da vida, os fiéis são enviados ao mundo para viver de modo coerente com o dom recebido, tornando-se testemunhas de uma relação reconciliada com Deus, com os outros e com toda a criação.

2.6 Síntese teológica da eucologia

O conjunto das três orações – coleta, oração sobre as oferendas e pós-comunhão – revela uma autêntica mistagogia da criação. Por meio da dinâmica própria da eucologia romana, a liturgia conduz progressivamente a assembleia a contemplar o mistério do mundo criado à luz do desígnio salvífico de Deus: a coleta recorda a origem da criação no Pai e sua mediação em Cristo; a oração sobre as oferendas manifesta como os frutos da terra são assumidos e transformados no mistério eucarístico; e a pós-comunhão evidencia que a participação no Corpo e Sangue de Cristo capacita os fiéis a viver uma relação renovada com toda a criação.

Desse modo, o formulário da *Missa pro custodia creationis* apresenta a Eucaristia como verdadeiro lugar teológico no qual a criação é recordada em sua origem divina, assumida no dinamismo da redenção e orientada para sua plenitude escatológica. A celebração litúrgica torna-se, assim, escola espiritual e sacramental de uma autêntica conversão ecológica, na qual o louvor ao Criador, a comunhão em Cristo e o cuidado responsável da criação convergem em um único movimento de fé.

Em síntese, a liturgia não apenas fala da criação: ela educa a Igreja a habitá-la como dom de Deus e responsabilidade comum.

3 O lecionário da Missa pro custodia creationis: leitura exegetico-litúrgica

O lecionário próprio da *Missa pro custodia creationis* manifesta com notável precisão teológica a articulação entre criação, revelação e redenção. Longe de constituir uma simples seleção temática de textos bíblicos sobre a natureza, o conjunto das leituras propõe uma verdadeira hermenêutica teológica da criação à luz do mistério de Cristo, integrando perspectiva sapiencial, cristológica e evangélica.

À luz da teologia litúrgica, importa recordar que a Palavra proclamada na celebração não é apenas recordação, mas evento salvífico atual. Como afirma a *Institutio Generalis Missalis Romani* (n. 29), “Cristo está presente na sua palavra, pois é Ele que fala quando na Igreja se leem as Sagradas Escrituras”. Nesse sentido, o lecionário deste formulário não apenas instrui, mas forma uma consciência eclesial capaz de compreender o cuidado da criação como dimensão intrínseca da fé.

A estrutura das leituras revela um movimento teológico ascendente: parte-se de uma contemplação sapiencial da criação como via para Deus (Sb 13,1-9), passa-se à sua interpretação cristológica e cósmica (Cl 1,15-20), e culmina-se na reconfiguração do olhar e da existência a partir do ensinamento de Cristo (Mt 6,24-34; ou Mt 8,23-27). Trata-se, portanto, de um itinerário que conduz da criação visível à sua verdade última em Cristo, e desta à conversão concreta da vida.

3.1 A criação como via para Deus: a perspectiva sapiencial (Sb 13,1-9)

A perícope do Livro da Sabedoria (13,1-9) oferece a chave de entrada para todo o lecionário: a criação como mediação para o conhecimento de Deus. O texto denuncia a “insensatez” daqueles que, contemplando a beleza e a força das criaturas, não chegam ao reconhecimento do seu Autor.

Do ponto de vista exegetico, trata-se de uma crítica à idolatria cósmica típica do mundo helenista, mas que possui um alcance mais amplo: não reconhecer o Criador a partir da criação constitui uma falha não apenas religiosa, mas também cognitiva. O texto afirma explicitamente uma analogia *entis*: “pela grandeza e beleza das criaturas, chega-se, por analogia, à contemplação do seu Autor” (Sb 13,5).

A recepção litúrgica dessa passagem é decisiva. Proclamado no contexto eucarístico, esse texto não se limita a afirmar a inteligibilidade do mundo, mas orienta a assembleia a uma atitude contemplativa. A criação não é apenas objeto de análise ou exploração, mas lugar teológico. No entanto, a mesma perícopes introduz uma tensão crítica: a beleza do mundo pode tornar-se ocasião de fechamento em si mesma. A liturgia, ao recuperar esse texto, educa para uma contemplação que não absolutiza a criação, mas a reconhece como sinal.

Desse modo, o fundamento de uma espiritualidade ecológica cristã não é primariamente ético, mas contemplativo: só quem reconhece o mundo como vestígio do Criador pode verdadeiramente cuidá-lo.

3.2 A cristologia cósmica e a recapitulação da criação (Cl 1,15-20)

A leitura da Carta aos Colossenses (Cl 1,15-20) constitui o eixo teológico central do lecionário para o cuidado da criação, oferecendo uma interpretação definitiva onde a natureza não apenas procede de Deus, mas encontra em Cristo sua origem, consistência e finalidade. Como observam Francisco Taborda e Johan Konings (2021, p. 204), este hino une o pensamento paulino ao joanino ao apresentar Cristo como a imagem do Deus invisível e a Palavra pré-existente por meio da qual tudo foi criado. Essa formulação exclui qualquer compreensão autônoma da criação, revelando-a como radicalmente cristocêntrica: o mundo não é apenas criado “por meio” de Cristo, mas existe “n’Ele” (*en autō*), indicando uma dependência ontológica contínua e dinâmica, na qual o *Logos* atua como princípio de coesão onde tudo subsiste.

Nesse sentido, a primazia de Cristo se estende da obra da criação à obra da salvação. Ele, que é o primogênito de toda criatura, é também a Cabeça do Corpo, que é a Igreja, e o primogênito dentre os mortos. A densidade exegética do texto revela que a redenção não se limita à humanidade, mas abrange “todas as coisas”, instaurando uma paz cósmica pelo sangue da cruz. Conforme sublinham Taborda e Konings, o sacrifício de Cristo manifesta a presença de Deus que, n’Ele, reconcilia o universo consigo. Portanto, a inserção desta leitura na *Missa pro custodia creationis* impede a redução da ecologia a um discurso meramente ético ou sociopolítico. O fundamento mais profundo do cuidado da criação reside na participação da obra reconciliadora de Cristo, na qual toda a realidade criada – do átomo às galáxias – é chamada à comunhão definitiva com Deus.

3.3 A conversão do olhar e da existência: o ensinamento de Cristo (Mt 6,24-34; 8,23-27)

O Evangelho oferece a chave existencial e espiritual para a recepção das leituras anteriores, propondo uma verdadeira conversão do olhar.

a) Mt 6,24-34: confiança, desapego e reordenação do desejo

O Evangelho de Mateus (6,24-34) propõe uma reordenação radical do desejo humano ao articular a impossibilidade de servir a dois senhores com o convite à confiança na providência. Como observam Francisco Taborda e Johan Konings (2022, p. 171-174), a lógica da acumulação – o “servir ao dinheiro” – está na raiz da exploração desordenada da criação, tornando a conversão ecológica inseparável de uma conversão espiritual. Na antiguidade, o serviço a um senhor enquadrava a vida inteira do servo; escolher o dinheiro ou a busca desenfreada por bens materiais significa, portanto, perder a integração no serviço a Deus. Para que nossa existência permaneça sob o senhorio divino, a preocupação com a vida material deve estar integrada à busca pela “Sua” justiça, que se resume no amor aos irmãos e a todas as criaturas.

Essa premissa se desdobra na lição da gratuidade revelada nos lírios do campo e nas aves do céu. Longe de uma idealização da natureza, Jesus utiliza o exemplo de criaturas simples – flores campestres e pardais – para mostrar que a criação é um espaço de confiança, não de ansiedade. Se Deus cuida do que é mais simples, muito mais cuidará de nós enquanto buscamos o Seu Reino. Essa consideração nos anima a realizar uma vida justa, adequada ao projeto de Deus, sem desanimar perante as dificuldades, pois para cada dia bastam seus próprios problemas. Ao priorizarmos o serviço da justiça e do amor, encontramos a certeza de ter cumprido nossa missão. Assim, seja em uma vida longa ou no sacrifício de nós mesmos, nossa existência encontra sentido pleno na fidelidade a esse cuidado providente que sustenta toda a vida.

Do ponto de vista teológico, esse texto não promove uma atitude de passividade, mas uma reordenação radical do desejo humano. A referência às aves do céu e aos lírios do campo não idealiza a natureza, mas revela nela um sinal da gratuidade divina. A criação aparece como espaço de confiança, não de ansiedade.

A ligação com a temática ecológica é profunda: a lógica da acumulação – simbolizada pelo “servir ao dinheiro” – está na raiz da exploração desordenada da criação. A conversão ecológica, portanto, passa necessariamente por uma conversão espiritual, que reorienta a relação com os bens materiais.

b) Mt 8,23-27: o senhorio de Cristo sobre a criação

A segunda opção (Mt 8,23-27) introduz uma perspectiva complementar: o domínio de Cristo sobre as forças da natureza. Ao acalmar a tempestade, Jesus não apenas manifesta poder, mas revela sua identidade.

Exegética e teologicamente, trata-se de uma epifania cristológica: aquele que domina o mar – símbolo do caos – participa da autoridade divina.

A criação, frequentemente percebida como ameaça, é aqui reintegrada na ordem do Logos.

No contexto da *Missa pro custodia creationis*, essa perícope adquire um significado particular: diante das “tempestades” ecológicas contemporâneas, a fé não elimina a responsabilidade humana, mas a situa no horizonte da confiança em Cristo, Senhor da criação.

3.4 O salmo responsorial: a criação como louvor

Os salmos propostos (Sl 18/19; Sl 103/104) explicitam a dimensão litúrgica da criação: ela não apenas remete a Deus, mas participa ativamente de seu louvor.

A afirmação de que “os céus proclamam a glória de Deus” revela uma compreensão profundamente bíblica: a criação possui uma linguagem própria, anterior e independente da palavra humana. A liturgia, ao assumir esse louvor cósmico, não o substitui, mas o integra na ação de graças da Igreja.

O lecionário da *Missa pro custodia creationis* configura uma verdadeira arquitetura teológica da criação à luz da revelação. A partir da contemplação sapiencial do mundo, passando pela sua interpretação cristológica, até chegar à conversão existencial proposta pelo Evangelho, a liturgia da Palavra constrói um itinerário que integra conhecimento, fé e prática.

Nesse horizonte, o cuidado da criação não emerge como um apêndice moral, mas como exigência intrínseca da fé cristã: reconhecer o mundo como obra de Deus, confessá-lo recapitulado em Cristo e viver nele segundo a lógica do Reino.

4 Inculturação litúrgica e cuidado da criação: entre paradigma realizado, mediação e horizonte em gestação

A introdução da *Missa pro custodia creationis* pelo Dicastério para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos insere-se no desenvolvimento orgânico da liturgia pós-conciliar, no qual a inculturação se afirma como uma das categorias fundamentais para compreender a relação entre fé, cultura e celebração. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* (n. 37-40) já reconhecia a necessidade de legítimas adaptações às culturas, abrindo caminho para experiências nas quais a liturgia pudesse expressar, de modo mais pleno, a catolicidade da Igreja.

Contudo, é metodologicamente necessário distinguir entre níveis diversos de realização: nem toda inovação litúrgica constitui uma inculturação em

sentido estrito. Nesse contexto, a análise da *Missa pro custodia creationis* exige situá-la entre dois polos: por um lado, uma forma já realizada de inculturação, como o Rito Zairense; por outro, um processo ainda em discernimento, como o horizonte do Rito Amazônico. Entre ambos, essa missa se apresenta como mediação significativa, ao introduzir no plano universal da liturgia romana uma sensibilidade ecológica ainda em desenvolvimento no plano simbólico.

4.1 O Rito Zairense como paradigma de inculturação efetiva

O *Missel Romain pour les Diocèses du Zaïre* (1988) constitui, até o presente, a expressão mais consistente de inculturação litúrgica reconhecida oficialmente na Igreja latina. Seu valor não reside apenas na introdução de elementos culturais específicos, mas na capacidade de integrar, de modo orgânico, uma cosmovisão na qual a relação entre comunidade, história e criação é profundamente relacional.

Como sublinha Anscar Chupungco (1992), a inculturação litúrgica não se reduz a adaptações externas, mas implica uma verdadeira encarnação do mistério celebrado na cultura, transformando simultaneamente a liturgia e o contexto que a acolhe. Nesse sentido, o rito zairense manifesta critérios fundamentais:

- processualidade eclesial e discernimento comunitário;
- integração simbólica coerente;
- fidelidade dinâmica à tradição romana.

Particularmente relevante é a presença de uma antropologia não dualista, na qual a criação não aparece como realidade neutra, mas como espaço de comunhão e mediação do sagrado. Ainda que não tematize explicitamente a ecologia nos termos contemporâneos, o rito expressa uma compreensão integrada da realidade, capaz de iluminar a reflexão atual sobre o cuidado da criação.

4.2 A densidade eucarística e a dimensão cósmica da ação de graças

O núcleo da celebração eucarística reside na ação de graças dirigida ao Pai por meio de Cristo no Espírito. Toda Oração Eucarística, em sua estrutura essencial, possui uma dimensão cósmica, na medida em que recapitula a criação e a redenção na unidade do desígnio salvífico.

No contexto do Rito Zairense, essa dimensão torna-se particularmente perceptível. A mediação cultural intensifica elementos constitutivos da Oração Eucarística, conferindo-lhes maior densidade existencial e simbólica.

O prefácio, enquanto hino de louvor ao Criador, é assumido em um contexto celebrativo que mobiliza a totalidade da assembleia, transformando-se em aclamação que envolve corpo, voz e experiência comunitária. A apresentação das oferendas evidencia o vínculo entre os dons da terra e o trabalho humano, enquanto a consagração manifesta a assunção da criação no mistério da redenção.

Como recorda Joseph Ratzinger (2013, p. 70), a Eucaristia possui sempre um caráter cósmico, pois nela “o céu se une à terra”. Essa intuição encontra ressonância na reflexão de Michael Czerny, segundo a qual a Eucaristia “abraça e penetra toda a criação”, de modo que, em sua celebração, “todo o cosmos dá graças a Deus”.

Nesse horizonte, a experiência litúrgica zairense pode ser compreendida como uma expressão particularmente densa de uma verdade universal: a criação não é apenas tema da liturgia, mas está implicada em sua própria dinâmica sacramental.

4.3 A Missa *pro custodia creationis* como tematização litúrgica

Diferentemente do rito zairense, a *Missa pro custodia creationis* não constitui uma forma inculturada do rito romano, mas um formulário específico que introduz explicitamente a temática do cuidado da criação. Sua relevância é inegável: ela inscreve, no coração da *lex orandi*, uma preocupação que se tornou central no magistério contemporâneo, especialmente a partir da *Laudato Si'*.

Todavia, do ponto de vista estritamente litúrgico, essa missa permanece no nível da **tematização**. A ausência de prefácio próprio e de oração eucarística específica indica que a integração da criação ainda não alcança plenamente o nível da configuração simbólica do rito.

Tal constatação não diminui seu valor; ao contrário, permite situá-la corretamente: trata-se de um desenvolvimento inicial, que prepara a consciência eclesial para formas mais profundas de integração entre criação, fé e celebração.

4.4 O horizonte do Rito Amazônico como processo em discernimento

O Rito Amazônico deve ser compreendido como um horizonte teológico e pastoral ainda em gestação. Impulsionado pelo Sínodo para a Amazônia e retomado por Papa Francisco na exortação Querida Amazônia, ele expressa o desejo de uma liturgia capaz de assumir, de modo mais profundo, as culturas e cosmovisões dos povos amazônicos.

Essas cosmovisões se caracterizam por uma relação integrada com a natureza, na qual a terra é compreendida como espaço de vida e a existência humana como parte de uma rede de relações. Nesse sentido, o horizonte amazônico evidencia uma exigência teológica fundamental: a necessidade de uma liturgia que não apenas tematize a criação, mas a integre estruturalmente em sua forma simbólica.

4.5 Mediação, inculturação e engajamento: a função da Missa pro custodia creationis

Situada entre um paradigma realizado e um horizonte em construção, a *Missa pro custodia creationis* pode ser compreendida como uma mediação concreta no interior da tradição litúrgica romana. Ela universaliza uma sensibilidade teológica – a ecologia integral – e oferece um quadro ritual capaz de favorecer processos de recepção contextualizada.

No contexto latino-americano, marcado pela inter-relação entre crise ambiental e injustiça social, essa missa adquire particular relevância. A afirmação do Sínodo para a Amazônia de que “a defesa da terra não tem outra finalidade senão a defesa da vida” (DF, n. 13) revela que a liturgia é chamada a participar da formação de uma consciência eclesial comprometida com o cuidado da criação.

Quando celebrada com fidelidade ritual e densidade teológica, essa missa pode favorecer:

- a formação de uma espiritualidade ecológica;
- a articulação entre fé e compromisso socioambiental;
- a abertura a processos legítimos de inculturação.

Assim, ela não se reduz a um formulário ocasional, mas pode tornar-se espaço mistagógico no qual a comunidade aprende a reconhecer a criação como dom e responsabilidade, em consonância com a visão da *Laudato Si'*, que convida a contemplar a “casa comum” como irmã e mãe (LS, n. 1).

A análise desenvolvida permite identificar uma dinâmica teológica clara: entre a realização paradigmática do Rito Zaireense e o horizonte ainda aberto do Rito Amazônico, a *Missa pro custodia creationis* emerge como mediação significativa, ao introduzir no plano universal da liturgia uma sensibilidade que ainda busca sua plena expressão simbólica.

Nesse sentido, o desenvolvimento da liturgia contemporânea é chamado a avançar da tematização à configuração, de modo que a relação entre Deus, ser humano e criação não seja apenas proclamada, mas efetivamente celebrada na forma ritual. Tal caminho constitui uma das tarefas mais relevantes da teologia litúrgica no contexto atual.

5 A centralidade da Oração Eucarística e os limites do formulário: implicações teológicas e perspectivas de aprofundamento

A análise do formulário da *Missa pro custodia creationis* evidencia um dado estrutural de grande relevância teológica: a ausência de um prefácio próprio e de uma oração eucarística específica. Tal ausência não constitui apenas uma lacuna redacional, mas levanta uma questão de fundo acerca da integração da temática ecológica no interior da *lex orandi* da Igreja.

Como sublinha Cesare Giraudo (2003), a Oração Eucarística constitui o verdadeiro “coração da celebração”, na medida em que nela se articula, de modo pleno, a ação de graças da Igreja, a memória da história da salvação e a epiclese que configura sacramentalmente o Corpo de Cristo. Nesse sentido, qualquer desenvolvimento temático que não alcance o nível anafórico permanece, inevitavelmente, em um plano secundário.

As orações próprias do formulário – Coleta, Oração sobre as Oferendas e Pós-Comunhão – apresentam uma teologia consistente e coerente com a espiritualidade ecológica. Todavia, nelas a criação aparece predominantemente como realidade confiada à responsabilidade humana. Ainda que tal perspectiva seja legítima, ela não esgota a densidade teológica da relação entre Eucaristia e criação.

5.1 A dimensão cósmica da Eucaristia à luz do magistério recente

A tradição teológica e o magistério contemporâneo oferecem elementos decisivos para um aprofundamento dessa questão. A encíclica *Laudato Si'*, de Papa Francisco, explicita de modo singular a dimensão cósmica da Eucaristia: “A Eucaristia é sempre celebrada, de certo modo, sobre o altar do mundo” (LS, n. 236).

Essa afirmação, que retoma intuições de São João Paulo II, indica que a Eucaristia não apenas utiliza elementos da criação, mas assume e transfigura o cosmos inteiro na ação de graças ao Pai. A criação, portanto, não é um simples tema ou objeto da oração, mas participante da dinâmica sacramental.

Nesse horizonte, a Eucaristia revela-se como o lugar por excelência da unidade: unidade entre Deus e a humanidade, entre os membros do Corpo de Cristo e, de modo mais amplo, entre toda a criação. Trata-se de uma verdadeira ação de graças cósmica, na qual o universo é recapitulado em Cristo.

5.2 Limites do formulário e necessidade de integração anafórica

À luz dessa perspectiva, torna-se evidente que a ausência de um prefácio próprio e de uma oração eucarística específica limita a capacidade do formulário de expressar plenamente a teologia ecológica que pretende promover. A temática do cuidado da criação permanece, em grande medida, no nível da exortação ética e da responsabilidade humana, sem alcançar a profundidade ontológica da ação eucarística.

Tal constatação não invalida o valor da *Missa pro custodia creationis*, mas indica a necessidade de um desenvolvimento ulterior. A verdadeira integração da ecologia na liturgia exige que a criação seja assumida não apenas como conteúdo temático, mas como dimensão constitutiva da própria oração eucarística.

5.3 O cântico cósmico: possibilidades na escolha dos prefácios e da Oração Eucarística

Diante dessa lacuna, a tradição litúrgica oferece possibilidades concretas de integração por meio da escolha adequada do prefácio e da Oração Eucarística.

Entre as opções disponíveis no rito romano, destaca-se a Oração Eucarística IV, cujo prefácio próprio apresenta uma ampla síntese da história da salvação, iniciando pela criação e desenvolvendo a ação providente de Deus ao longo do tempo. Essa estrutura permite inserir a temática ecológica em um horizonte teológico mais amplo, evitando reducionismos moralizantes.

Além disso, as Orações Eucarísticas para Diversas Circunstâncias podem oferecer um enquadramento particularmente fecundo, sobretudo quando articuladas com prefácios que enfatizam a criação, a providência divina e a responsabilidade humana.

No que se refere aos prefácios, alguns textos do Missal Romano apresentam especial afinidade com a temática ecológica:

- Prefácio Comum I – Ação de Graças pela Criação, que enfatiza a gratuidade do dom criador e a bondade divina manifestada no universo;
- Prefácio Comum IV – A Maravilha da Ordem Universal, que convida à contemplação da harmonia e da inteligibilidade do cosmos como expressão da sabedoria divina;
- Prefácio Comum V – Justiça, Paz e Harmonia na Criação, que articula a ordem da criação com a justiça e a paz, em consonância com a noção de ecologia integral.

A utilização desses prefácios, em articulação com o formulário da *Missa pro custodia creationis*, permite que a celebração se aproxime de uma expressão mais plena da dimensão cósmica da Eucaristia.

5.4 Entre tradição e desenvolvimento: perspectivas para a teologia litúrgica

A ausência de textos anafóricos próprios pode ser interpretada, teologicamente, como um sinal de que a integração da ecologia na liturgia ainda se encontra em processo de maturação. Trata-se de um desenvolvimento em curso, que requer discernimento e fidelidade à tradição.

Nesse contexto, experiências de inculturação mais consolidadas, como o Rito Zaireense, demonstram que é possível alcançar uma integração mais profunda entre liturgia e cosmovisão. Ao mesmo tempo, o horizonte do Rito Amazônico aponta para a possibilidade de novas formas litúrgicas nas quais a relação entre fé e criação seja expressa de modo mais orgânico.

A questão central, portanto, não se limita à elaboração de novos textos, mas diz respeito à capacidade da liturgia de manifestar plenamente aquilo que já constitui sua essência: a ação de graças do Cristo total, na qual toda a criação é assumida, redimida e oferecida ao Pai no Espírito.

A reflexão desenvolvida evidencia que a *Missa pro custodia creationis*, embora teologicamente significativa, permanece limitada pela ausência de uma integração anafórica plena da temática ecológica. Tal limite, porém, não deve ser compreendido como insuficiência definitiva, mas como expressão de um processo em desenvolvimento.

Nesse sentido, a teologia litúrgica contemporânea é chamada a aprofundar a dimensão cósmica da Eucaristia, de modo que o cuidado da criação não seja apenas tematizado, mas verdadeiramente celebrado no coração da oração da Igreja.

À guisa de conclusão

A análise desenvolvida ao longo deste estudo permitiu evidenciar que a introdução da *Missa pro custodia creationis* constitui um passo significativo no interior do desenvolvimento orgânico da liturgia romana, ao inscrever explicitamente, no âmbito da *lex orandi*, a preocupação com o cuidado da criação. Tal iniciativa não pode ser compreendida isoladamente, mas deve ser situada no contexto mais amplo da recepção do Concílio Vaticano II e da progressiva incorporação da categoria de inculturação na teologia litúrgica contemporânea.

Contudo, a investigação também demonstrou que a força teológica dessa missa se encontra, por ora, em um nível predominantemente temático. As orações ecológicas próprias – embora ricas e coerentes – permanecem centradas na responsabilidade ética do ser humano em relação à criação, sem alcançar plenamente a densidade ontológica que caracteriza a ação eucarística. Tal limite torna-se particularmente evidente diante da ausência de um prefácio próprio e de uma oração eucarística específica, o que impede que a temática ecológica seja integrada no nível anafórico, onde a Igreja exprime de modo mais pleno o mistério celebrado.

Nesse sentido, a contribuição de Cesare Giraudo revela-se decisiva: ao reafirmar a centralidade da Oração Eucarística como coração da celebração, ele oferece a chave hermenêutica para compreender por que a verdadeira recepção teológica de uma temática não se realiza primariamente no nível das orações variáveis, mas na estrutura profunda da ação de graças e da epiclese. É nesse nível que a criação, a redenção e a consumação escatológica se articulam como dimensões inseparáveis do único mistério pascal.

A partir dessa perspectiva, a reflexão iluminada pela encíclica *Laudato Si'*, de Papa Francisco, permite avançar uma tese central: a Eucaristia não apenas tematiza a criação, mas a assume e a transfigura, constituindo-se como o lugar originário de uma ecologia integral celebrada. A afirmação de que a Eucaristia é celebrada “sobre o altar do mundo” (LS, n. 236) não é uma metáfora devocional, mas uma categoria teológica que exige consequências litúrgicas concretas. Se toda a criação é recapitulada em Cristo, então a liturgia deve expressar, em sua forma simbólica, essa dimensão cósmica constitutiva.

É precisamente nesse ponto que a análise comparativa com experiências de inculturação se revela fecunda. O Rito Zaireense demonstra que é possível alcançar uma integração mais profunda entre liturgia e cosmovisão, na qual a criação não aparece apenas como objeto de cuidado, mas como espaço de relação e mediação do sagrado. Ao mesmo tempo, o horizonte do Rito Amazônico evidencia que a Igreja se encontra diante de um processo ainda aberto, no qual a inculturação poderá permitir uma expressão mais orgânica da relação entre fé, cultura e criação.

Nesse quadro, a *Missa pro custodia creationis* ocupa um lugar teologicamente estratégico: ela funciona como mediação entre uma tematização já consolidada no magistério e uma configuração litúrgica ainda em gestação. Sua importância não reside apenas no que ela já realiza, mas no que ela torna possível. Ao introduzir a linguagem da ecologia integral na oração da Igreja, ela prepara o terreno para desenvolvimentos futuros nos quais essa temática poderá alcançar o nível estrutural da celebração.

Dessa forma, a tese que emerge deste estudo pode ser formulada nos seguintes termos: o verdadeiro desafio da teologia litúrgica contemporânea

não consiste apenas em inserir a temática ecológica nos textos litúrgicos, mas em permitir que a própria forma da Eucaristia manifeste plenamente sua intrínseca dimensão cósmica, de modo que a criação seja não apenas objeto de oração, mas sujeito assumido na ação de graças do Cristo total.

Tal deslocamento – da tematização à configuração – implica uma conversão não apenas pastoral, mas também teológica e simbólica. Ele exige que a liturgia seja reconhecida, cada vez mais, como o lugar no qual a Igreja aprende a ver, viver e celebrar o mundo como criação reconciliada e orientada para sua plenitude escatológica.

Em última análise, a Eucaristia revela-se como o ponto de convergência entre fé, criação e história: nela, o universo inteiro é assumido no movimento de retorno ao Pai, por Cristo, no Espírito. Nesse sentido, uma autêntica ecologia integral encontra na liturgia não apenas sua expressão, mas sua fonte e sua forma originária.

Siglas:

- DD = Carta Apostólica *Desiderio Desideravi*
DF = Documento Final
IGMR = *Institutio Generalis Missalis Romani*
LS = Carta Encíclica *Laudato Si'*
SC = Constituição Apostólica *Sacrosanctum Concilium*

Referências Bibliográficas

CHAUVET, Louis-Marie. *Símbolo e sacramento: uma releitura sacramental da existência cristã*. São Paulo: Loyola, 2023. (Coleção Theologica).

CHUPUNGCO, Anscar J. *Liturgical Inculturation: Sacramentals, Religiosity, and Catechesis*. Collegeville: The Liturgical Press, 1992.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos e declarações*. 19.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Texto oficial para o Brasil. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Missal Romano: promulgado pelo Papa Paulo VI, restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e revisto por autoridade do Papa João Paulo II: tradução da 3ª edição típica realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica*. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Decretum "Zairensium" Dioecesium*. Publicado em: 30 abr. 1988. *Notitiae*, Città del Vaticano, v. 24, n. 264/7, jul. 1988, p. 457.

CZERNY, Michael. Apresentação do novo formulário da Missa "*Pro Custodia Creationis*". Sala de Imprensa da Santa Sé, 3 jul. 2025. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2025/07/03/0470/00857.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.

DICASTÉRIO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Decreto "*Pro Custodia Creationis*": introdução de novo formulário de missa no Missal Romano. Boletim da Santa Sé, 3 jul. 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

DICASTÉRIO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Institutio Generalis Missalis Romani*. In: *Missale Romanum*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002.

DICASTÉRIO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Missale Romanum*. Editio typica tertia. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2002.

DICASTÉRIO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Novo formulário da Missa "*pro custodia creationis*". Disponível em: <https://www.vatican.va/content/dam/romancuria/culto-divino/Missa%20pro%20custodia%20creationis%20-%20Exemplar%20originale.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'* – sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO, Papa. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazônia* – ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. São Paulo: Paulinas, 2020.

GIRAUDO, Cesare. *Num só corpo*: tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003. (Coleção Teologia).

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao espírito da liturgia*. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SCHMEMANN, Alexander. *The Eucharist: Sacrament of the Kingdom*. New York: St. Vladimir's Seminary Press, 1988.

SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia*: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral. *Instrumentum Laboris*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SÍNODO DOS BISPOS. *Amazônia*: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral — Documento Final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da Igreja 58).

TABORDA, Francisco; KONINGS, Johan. *Celebrar o Dia do Senhor*: subsídios bíblicos, ano C. São Paulo: Paulus, 2021, v. 4, p. 204.

TABORDA, Francisco; KONINGS, Johan. *Celebrar o Dia do Senhor*: subsídios bíblicos, ano A. São Paulo: Paulus, 2022, v. 2, p. 171-174.

VATICAN NEWS. *O Papa: o rito zairese “caminho promissor” para um rito amazônico*. 1 dez. 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-12/papa-o-rito-zairese-caminho-promissor-para-um-rito-amazonico.html>. Acesso em: 20 ago. 2025.

VIOLA, Vittorio Francesco. Intervenção na apresentação do novo formulário da Missa “Pro Custodia Creationis”. *Sala de Imprensa da Santa Sé*, 3 jul. 2025. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2025/07/03/0470/00857.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.

Artigo submetido em 10.12.25 e aprovado em 13.04.26.

Washington da Silva Paranhos SJ é doutor em Teologia pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma. Professor e pesquisador na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Orcid.org/0000-0002-7935-9459. E-mail: wparanhossj@gmail.com.

Endereço: Rua São Clemente, 226 – Botafogo
22.260-000 Rio de Janeiro – RJ

Editores: Márcia Eloi Rodrigues e Franklin Alves Pereira.

Disponibilidade de dados:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no artigo.

